

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

CLÍNICA, TRANSFERÊNCIA E O DESEJO DO ANALISTA¹ CLINIC, TRANSFERENCE AND DESIRE OF THE ANALYST

Fernanda Correa²

¹ Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Psicologia

² Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, fefecorrea@gmail.com

INTRODUÇÃO

A questão da transferência coloca-se como central no trabalho clínico por permear todo o percurso do tratamento psíquico e mostra-se extremamente complexa, exigindo um grande esforço por parte do terapeuta. Surge assim a ideia de escrever este trabalho de conclusão de curso sobre a transferência, buscando no desejo do analista uma possível resposta para tal problemática e pensando ser o tema de grande contribuição acadêmica por se tratar de uma reflexão fundamental a respeito do fazer clínico.

Esta pesquisa traz uma breve reflexão histórica do que vem a ser a clínica psicanalítica e como a questão da transferência veio a tornar-se central para Freud. Em seguida, tendo como base os textos de Freud e Lacan, a transferência é abordada em sua relação com a resistência. Em um terceiro ponto é analisada a questão do amor de transferência em relação com a demanda de amor. Posteriormente, as posições do analista na transferência são abordadas, e, em um último ponto, a questão do desejo do analista.

Este trabalho tem como principal objetivo o aprofundamento do tema da transferência, conceito tão importante na área psicanalítica, e revela-se como uma possibilidade de reflexão sobre muitos outros conceitos da área.

METODOLOGIA

O trabalho é realizado a partir de uma revisão bibliográfica, leitura e fichamento dos principais autores citados no desenvolvimento da escrita, tais como: Freud, Lacan, Nadja Pinheiro, Dorgeville, Maurano. Foi utilizada também a base de dados da CAPES, a partir dos descritores: transferência; demanda; objeto; falta-a-ser; desejo do analista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho tem como sua proposta inicial falar sobre a problemática da transferência e sua relevância e abrangência no percurso analítico. Entendida como fio condutor do tratamento e condição fundamental para que este aconteça, ela adquire papel central também nesta escrita. Sendo assim, torna-se necessário, em um primeiro momento, falar sobre o trabalho clínico psicanalítico e como a transferência, no decorrer dos estudos de Freud, passou a ser um eixo central da psicanálise.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

De acordo com Pinheiro (1999), o campo clínico se constitui pela linguagem e as neuroses podem ser tidas como produto dos processos de simbolização. Os sintomas são estruturados pela linguagem e ela deve servir como pilar para o método terapêutico. Em suas palavras, “uma vez que a linguagem estrutura a formação dos sintomas, ela deve ser tomada como pilar estruturador do método terapêutico e instrumento clínico que possibilita a cura das neuroses”. A palavra torna-se o elo que liga o conteúdo psíquico ao sintoma.

Segundo Pinheiro (1999), durante a construção da metapsicologia freudiana, a proposta de tratamento foi modificada e os sintomas passaram a ser entendidos como detentores de uma verdade própria a respeito do desejo inconsciente do paciente. A autora coloca que a transferência passa a ter um papel fundamental a partir do qual o paciente passa, investindo no analista sua libido, a reviver suas atividades mentais no percurso de análise.

A transferência é entendida na teoria psicanalítica como um eixo que possibilita que o paciente reviva em análise, de forma atualizada, suas atividades psíquicas de longa data. Adquire papel principal no momento em que o fenômeno da resistência ganha força na relação entre analista e analisando. Dessa forma, é necessário pensar a transferência e a resistência de forma articulada, uma vez que, como será visto, a transferência se coloca porque serve à resistência.

Quando explica do que se trata a transferência, Lacan (1985), em O seminário, livro 1, afirma que à medida que o sujeito vai se revelando no processo analítico, o fenômeno da resistência vai se colocando e quando esta resistência se torna extremamente forte, surge então a transferência. De acordo com Freud (1996), é necessário dar tempo ao sujeito para que a transferência apareça e as resistências tragam à tona as pistas que revelam algo do seu conteúdo pulsional. Freud (1996, p. 171) deixa claro que a elaboração de tais resistências no tratamento é muitas vezes penosa e lenta, porém é, segundo ele, “a parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente” e que, por isso, caracteriza o método psicanalítico e o diferencia do método por sugestão.

Em A dinâmica da transferência, Freud (1996) nos dá uma explicação técnica do que vem a chamar de resistência. Para ele, à medida que o tratamento analítico avança e parte do conteúdo recalcado vai sendo revelado, a libido tende a regressar ao “seu esconderijo”, como dito por ele, e é justamente neste ponto que uma batalha se coloca entre as forças que levaram a esta regressão e o trabalho clínico. Freud (1996) denominou este jogo de forças de resistência e, segundo ele, para que a libido volte a ser liberada, este mecanismo inconsciente deve ser superado com a eliminação das repressões estabelecidas no indivíduo. Ao explicar parte do texto de Freud, Lacan (1985) salienta que a resistência surge do processo de aproximação do próprio discurso, e é justamente neste ponto que a transferência ganha força. Como dito primeiramente por Freud e interpretado por Lacan, é pelo fato de que a transferência satisfaz à resistência que ela aparece. Este movimento se repete diversas vezes no percurso do tratamento.

Lacan (1985) situa a experiência da transferência e sua relação com a resistência, esta última sendo entendida por ele como inflexão da palavra e do discurso. A resistência, na qual a palavra se

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

inflete, vem a revelar a verdade do sujeito à medida que revela onde o outro do sujeito toma função, onde este outro se realiza e a distância que está em relação ao discurso. A transferência permite assim que o fluxo associativo seja interrompido, ou em termos linguísticos, que a inflexão da palavra e do discurso aconteça e possa ser então manejada.

Segundo Freud (1996), se aquele que procura o tratamento é tomado com cuidado e atenção, ele estabelece a transferência por si só e faz isso a partir da vinculação do analista a imago de alguém que anteriormente lhe tratou com amor. Como pano de fundo para que a análise aconteça, ela pode ser entendida, como afirma Lacan (1985, p, 12) no O seminário, livro 8, como “uma experiência”, experiência de amor que se coloca entre analista e analisando, mas que precisa ficar em nível virtual, como observa Freud (1996) em seu texto Observações sobre o amor transferencial. A não retribuição, quando se fala no amor transferencial consiste, para Lacan (1985), em dar o que não se tem ao paciente diante da sua demanda, ou, em outras palavras, consiste em dar a ele a própria falta do analista.

À medida que o terapeuta se abstém de responder à demanda de amor do paciente, a fala vem ocupar o lugar da falta e permite que o tratamento aconteça. Entende-se com isso, que a condição para a transferência é uma condição de falta. Trata-se de dar ao paciente aquilo que não se tem e, com isso, manter a demanda de amor e, conseqüentemente, a demanda de tratamento.

Segundo Maurano (2006), a busca por um tratamento analítico pressupõe que consideramos o analista ou a teoria psicanalítica como detentores de um saber que nos escapa e que pode, através da análise, nos ser revelado. Lacan (1985) propôs o conceito de sujeito suposto saber, que pode ser pensado a partir da construção que o analisando faz no percurso do tratamento, no qual coloca o analista na função de grande Outro no processo terapêutico, sendo para quem se dirige na esperança de que este possa dizer-lhe sobre sua verdade.

Este grande Outro, encarnado no analista, permite que a repetição se coloque, e, por intermédio desta, a demanda do paciente surge como um pedido ao analista, o qual é suposto como aquele que sabe algo sobre o sujeito e que pode por isso libertá-lo. De acordo com Maurano (2006), à medida que o analista não responde à demanda, a repetição do fracasso dos desejos infantis se coloca e o encontro com a falta pode ser então trabalhado pela via da transferência. Stryckman (apud Dorgeville, 1997) coloca que a efetivação da análise se dá pela representação do sujeito, na qual o que interessa é seu desejo. Nesta tentativa de representar o sujeito surge o amor como um efeito secundário deste processo e que tenta dar conta da disparidade subjetiva criada pela transferência, disparidade esta que é fundante do saber inconsciente e que revela que o que causa o desejo de um não tem uma relação recíproca com o que causa o desejo do Outro. O analista, ao ocupar o lugar de sujeito suposto saber, lugar do Outro, leva o sujeito a encontrar-se com sua alienação no desejo deste Outro. É pela transferência que o desejo do Outro será substituído pelo desejo do analista, o qual possibilitará, a partir do encontro com a falta, que o inconsciente se atualize e, com isso, o saber inconsciente que o sujeito busca.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Para que haja um efeito terapêutico que Lacan (1985) denominou de “substancial”, é necessário que o analista atue a partir do desejo do analisando, ou seja, a partir de sua falta-a-ser, a qual propicia ao analisando o duelo com o objeto a que não está em lugar algum, que se trata de uma representação significativa do próprio sujeito em análise, e que, não pode por isso, se reduzir ao objeto encarnado no analista. A falta-a-ser, a qual está diretamente relacionada com o desejo do analisando, torna-se fundamental para que a saída de análise aconteça.

Para que a análise chegue a seu termo e possa levar o paciente ao confronto com o Outro encarnado no analista e ao encontro com seu desejo, Lacan (1985) criou o conceito de desejo do analisando para designar aquilo que possibilita a interpretação da transferência e a necessária disparidade entre o desejo do Outro e o desejo do analisando. De acordo com Maurano (2006), o desejo do analisando torna possível ao analisando fazer o manejo da transferência e superar as resistências que se colocam no percurso do tratamento. Ele permite também, que ao se afinar com o trabalho analítico, as resistências não surjam do lado do próprio analisando.

É fundamental que se tenha em mente que o desejo do analisando é uma função, a qual requer uma extração de si por parte do analisando e que, dessa forma, habilita-o a operar a partir do desejo do analisando e não de seu desejo de sujeito. Dessa forma, para que atue com o desejo do analisando, a partir de uma dessubjetivação, é necessário que o analisando tenha experimentado dessubjetivar-se, o que só pode ser feito em sua própria análise. O que se coloca em questão, dessa maneira, é que o desejo do analisando deve ser advertido, essencialmente vazio.

O amor à vida que se encontra no desejo do analisando é o que leva o analisando a atuar de forma a dar ao analisando a sua falta-a-ser, o que possibilita a este encontrar-se com o amor em sua forma mais elevada e indeterminada, na qual se encontra a pulsão. Isto permite ao analisando afirmar o próprio amor à vida a partir da mudança de posição que se opera no tratamento analítico, no qual ele passa de objeto amado alienado no Outro, a sujeito que se apropria da ação de amar.

Por fim, pode-se dizer que o amor, este que se estabelece pela via da transferência e que está no cerne do desejo do analisando, é meio e fim no processo de análise. É meio porque na medida em que se trata de uma não resposta, atesta a falta do objeto e mantém a demanda. É fim, porque o amor como aquilo que se dá enquanto falta-a-ser leva ao amor à vida, à afirmação do amor como ação criativa, como criação da própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa abordo a temática da transferência, a qual é entendida como eixo central do tratamento psicanalítico, uma vez que ela é condição para que o trabalho clínico possa acontecer. A transferência passa a ser o fio condutor do tratamento tanto por permitir a revivescência das atividades psíquicas infantis do analisando, quanto por estar intimamente ligada à resistência, uma vez que, tanto mais o discurso do paciente se aproxima do núcleo patógeno, ou como diria Lacan (1985), do próprio recalçamento, tanto mais as resistências se colocam e se colocam como transferência, numa tentativa de transferir ao analisando, o que a palavra do

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

analisando não consegue alcançar em um nível de discurso.

O amor surge na transferência como um amor não correspondido e diferente do amor dito comum. É um amor que se coloca em relação ao analista porque este é suposto saber para o sujeito, o qual o coloca na posição do grande Outro a quem demanda amor e em quem supõe também um ideal. É no confronto com a falta dada pelo analista à demanda de amor do analisando que se coloca a repetição, numa tentativa de simbolizar o gozo perdido, os restos deixados pelo Outro e também de celebrar este gozo. A repetição se dá tanto no que o analisando atua, quanto nos significantes que repete e é a partir daquilo que o analista sustenta pela via da transferência, que algo novo pode ser criado e o horror do trauma pode ser então suportado. É pela transferência que o tratamento se dá e pela via do amor que isso vem a acontecer. Dessa forma, a transferência é central e imprescindível na clínica psicanalítica.

Palavras-chave: demanda; objeto; falta-a-ser; resistência.

Keywords: demand; object; lack; resistance.

REFERÊNCIAS

- DORGEUILLE, C. **Dicionário de psicanálise**. Salvador, 1997. v. 1.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 111-119. v. XII.
- FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (1915[1914]). In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-188. v. XII.
- LACAN, J. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-54)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. **O seminário, livro 8: a transferência (1960-61)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MAURANO, D. **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- PINHEIRO, N. N. B. Psicanálise, teoria e clínica: reflexões sobre sua proposta terapêutica. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 19, n. 2, 1999. Disponível em: . Acesso em: 20/11/2017.